



RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: OS DESAFIOS DO PERCURSO DE FORMAÇÃO E A ARTICULAÇÃO TEORIA E PRÁTICA

Gabriela Silva Bezerra¹

Jaqueline Alves Vargas Soares²

Professores orientadores: Silvana Mesquita e Maria Inês Marcondes³

Introdução

Neste presente texto apresenta o relato de experiências de graduandas em Pedagogia que fazem parte do projeto Residência Pedagógica, idealizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Vale ressaltar, que nossa experiência neste projeto ainda não se findou, mas, pontuamos nossas observações realizadas de outubro de 2020 a agosto de 2021 em uma Escola Municipal do Rio de Janeiro com alunos do primeiro segmento do Ensino Fundamental. Destaca-se que todo o desenvolvimento do Projeto Residência na escola se deu em tempos de pandemia do COVID-19, na qual a escola manteve-se fechada no ano de 2020 e com volta gradativa as aulas presenciais em 2021. Porém, em todo o período indicado os residentes mantiveram-se em atividades remotas, sem participação presencial na escola.

O objetivo deste texto é apresentar os desafios e as possibilidades encontrados por alunos residentes de Pedagogia ao desenvolverem práticas pedagógicas, na modalidade remota durante a pandemia do COVID 19, junto a alunos do 5º ano do ensino fundamental. Destaca-se que os sentimentos e as reflexões que essa experiência desencadeou em nós, residentes e autoras, também caracterizam este relato. Os referenciais teóricos que conduziram as reflexões trazidas encontram-se distribuídos ao longo do texto e se associam as experiências narradas. Adotou-se como metodologia para reunir os dados e interpretá-los, os depoimentos orais e reflexões de dez alunas residentes, produzidos ao longo de 32 reuniões semanais (outubro de 2020 a julho de 2021) com a mediação de duas professoras supervisoras da universidade e o professor preceptor da escola, regente de três turmas de 5.º ano; as observações feitas das turmas (WhatsApp e videoconferências) pelas residentes, além dos registros em dois relatórios produzidos pelas residentes e autoras deste relato.

Entre desejos e o contexto do real: o início da residência pedagógica

A Residência Pedagógica foi vista, desde o início, por nós residentes como um divisor de águas, isto é, seria a oportunidade de pôr em prática o que havíamos aprendido até aquele

¹ Graduanda pelo Curso de pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro- PUC Rio; gabyavlisbezer@yahoo.com.br;

² Graduanda pelo Curso de pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro- PUC Rio; jaque_vs11@hotmail.com;

³ Professores do Departamento de Educação da PUC-Rio.



momento, além da possibilidade de ter uma experiência real com as crianças. Destaca-se que a implantação do projeto contou com total abertura e atenção da equipe de gestão da escola à qual o projeto estava vinculado, resultando em um trabalho coletivo entre residentes, professores supervisores da universidade e preceptor (professor em atuação na escola). Principalmente, destaca-se a busca conjunta de possibilidades para se desenvolver uma proposta de residência pedagógica em tempos de ensino remoto com crianças.

O que marca o início da Residência Pedagógica foi a possibilidade de contato direto com um professor em atuação (professor-preceptor) em pleno processo de reestruturação da escola frente a pandemia. O “nosso” professor-preceptor nos acolheu no formato remoto (não chegamos a nos conhecer presencialmente) e compartilhou conosco, semanalmente, os seus relatos de experiência sobre o cotidiano escolar (presencial e online), nos permitir acompanhar e refletir sobre as questões da organização escolar, da adaptação curricular, da proposta de atividades para os alunos e sobre a realidade de vida dos alunos atendidos pela escola durante a pandemia. O professor nos trouxe também o contexto do real sobre como os professores, escola e famílias se adaptaram as reformulações na estrutura escolar, visando atender os muitos decretos e orientações da Secretaria Municipal de Educação (SME) em tempos de pandemia. Constatou-se no acompanhamento do trabalho do professor-preceptor com sua turma, as estratégias adotadas para modificar o ensino presencial para a modalidade on-line, onde foi necessário buscar novas metodologias e reformular os conteúdos a serem dados, mas sempre no intuito de dar continuidade ao projeto político pedagógico da escola.

Toda essa sistematização crítica que o professor-preceptor nos apresentou, seja através do compartilhamento das suas ações ou nas narrativas de intenções, foi acompanhada por nós residentes através de um grupo de conversas pelo aplicativo WhatsApp e nas reuniões semanais por videoconferência, como relatado na metodologia. O acompanhamento das ações remotas do professor preceptor junto a sua turma evidenciou também que ele teve sempre a prudência de pensar nas especificidades dos alunos que possuíam grandes dificuldades de acesso aos meios digitais. Mesmo com todos os limites dessas estratégias de interação, podemos relatar que foi possível ampliar a nossa consciência em relação aos problemas vivenciados no cotidiano pedagógico de uma escola pública em tempos de ensino remoto e que apontaremos a seguir algumas dessas percepções. Sempre lembrávamos de uma frase de Perrenoud (2001) que nos acompanharam nas aulas do curso de Pedagogia: “ensinar é agir na urgência e decidir na incerteza”, ou do que apontava Roldão (2007), ser professor profissional, não é apenas saber o conteúdo, mas saber ensinar.

Entre os limites de interação e a reinvenção de possibilidades



Inicialmente, neste relato, podemos perceber como foi desafiador realizar a Residência no contexto pandêmico, no qual dilemas positivos e negativos surgiram, principalmente pela ausência do contato físico com os alunos, com a coordenação pedagógica, com os professores, com as famílias e com o próprio espaço escolar. Isto de certa forma interferiu diretamente na nossa interação, um dos princípios do processo ensino-aprendizagem (CANDAU, 2012). Porém, também foi um modo de incluir novas formas para repensar o ensino, o formato escolar e os próprios objetivos da educação formal. Concebe-se nos relatos e estudos deste período (NOVOA, 2020; MESQUITA e MARCONDES, 2021) que após o término do isolamento social, a previsão é que a escola jamais seja exatamente a mesma. Nóvoa (2020), em muitas das *lives* que participou nos tempos de pandemia, afirmou várias vezes que estamos em tempo de “agir na urgência, mas também de pensar no futuro”.

Entretanto, apesar dos obstáculos do ensino remoto, é válido ressaltar que bons resultados foram conquistados no nosso processo de formação de professores durante a Residência Pedagógica e na aproximação entre teoria e prática, desafio esse tão desejado de ser alcançado por nos estudantes universitários. Destacamos que houve uma boa interação e comunicação com os alunos/crianças no espaço virtual, com os professores e até mesmo com alguns responsáveis dos discentes, mesmo diante de todos os limites de acessibilidade, já apontado por estudos recentes (FCC, 2020; REDESTRADO, 2020). A comunidade escolar pareceu estar unida tendo como propósito superar as novidades do ensino a remota, os sentimentos conflituosos gerado pelo isolamento e pelas perdas diante da pandemia e as incertezas que todo esse cenário produziu. Por mais que tenham, evidentemente, ocorrido processos de evasão escolar, perda de contato com alguns alunos e pais, a grande maioria sempre buscou meios de comunicação e interação. Como bem destaca Nóvoa (2020):

as melhores respostas à pandemia não vieram dos governos ou dos ministérios da educação, mas antes de professores que, trabalhando em conjunto, foram capazes de manter o vínculo com os seus alunos para os apoiar nas aprendizagens. Em muitos casos, as famílias compreenderam melhor a dificuldade e a complexidade do trabalho dos professores. Isso pode trazer uma valorização do trabalho docente e criar as condições para um maior reconhecimento social da profissão (p. 9).

Inquietação que nos move: “Como estar com a escola, sem estar na escola?”

Como dito, em decorrência da pandemia ocasionada pela COVID-19, todas as atividades da Residência se deram de forma virtual através do WhatsApp e de reuniões no Google Meet com as turmas, essa oportunizada somente a partir de março de 2021, quando a turma acompanhada recebeu tablet de um projeto da rede municipal. Desta forma, as interações com alunos e professores, a realização de atividade de regência das turmas, o planejamento e a execução de atividades pedagógica e projetos se sucederam através destas



ferramentas digitais. Desenvolve-se neste período dois projetos com as turmas, o projeto “Valorização da Vida” (outubro a dezembro de 2020) e o projeto “Combate as Fake News Científicas” (fevereiro a julho de 2021), junto a um grupo “presente” e participativo de alunos do 5.º ano, variando entre 9 e 40 alunos. Esse contraste no número de participantes se deu pelos limites de acessibilidade seja pelos alunos não possuíam computador ou celular próprios ou não terem pacotes de dados suficientes, até a chegada dos tablets com acesso à internet oportunidade pela rede.

Não cabe neste relato uma descrição de cada atividade construída e executada junto as turmas, pois foram muitas e diversas. Optamos por relatar nossos sentimentos que foram despertados nessa fase da residência. Ao longo do processo de elaboração das propostas pedagógicas, percebíamos que, embora as atividades tivessem uma temática norteadora, havia a dificuldade em pensarmos quais atividades poderiam ser mais viáveis no ensino on-line, pois nunca tínhamos nos preparados para isso, e ainda questionávamos como propor em um grupo de WhatsApp atividades para crianças que não conhecíamos de verdade. Esses desafios e inquietações nos possibilitaram profundas reflexões sobre a escola e seus objetivos e nos permitiu reconstruir experiências e ponderar acerca de nossas próprias trajetórias formativa possível. Como apontam Souza e Cordeiro, (2007, p. 47 apud CARNEIRO, 2014, p. 877) durante o processo formativo faz-se necessário “desvendar modelos e princípios que estruturam discursos pedagógicos que compõem o agir e o pensar docente e rever cristalizações sobre a prática”. Com isso, foi possível perceber como é de suma importância pensarmos nos processos de transmissão e assimilação dos conhecimentos, pertinentes a nossa própria didática, para ser contextualizada com o ambiente de atuação.

O lugar da infância: articulando teoria e prática

Após, nossa entrada no do grupo de WhatsApp junto com as crianças da turma (tínhamos um grupo somente com o professor-preceptor e outra junto com ele e os alunos), surgiu o maior dilema na mente das residentes: "como poderíamos conversar com as crianças do 5.º ano por este aplicativo sem ao menos conhecê-los pessoalmente?". A utilização desta ferramenta nos instigou a refletir sobre a dualidade da interpretação e da escrita por parte da criança que a recebe. Como saber se os alunos nos compreendem? Como saber se as atividades atendem suas necessidades e anseio em plena pandemia?

Reconhecemos que ao pensar na prática docente nos anos iniciais, a possibilidade de criar laços com os alunos é primordialmente necessário. Acreditamos, assim como aponta Libânio (2013, p. 14), que a educação é uma “prática social que acontece em uma grande variedade de instituições e atividades humanas (na família, na escola, no trabalho, nas igrejas,



nas organizações políticas e sindicais, nos meios de comunicação de massa, etc.)” Em evidência deste fato, entendíamos que precisamos propor atividades baseadas nas vivências dos alunos, porque o processo de ensino-aprendizagem deve ser muito mais que algo conteudista, deve propiciar e promover aos indivíduos conhecimentos e experiências culturais, para torná-los aptos ao meio social e construir uma aprendizagem significativa.

Assim, elaboramos atividades buscando identificar junto aos alunos os seus gostos, seus anseios na pandemia, suas alegrias e tristezas. Diante disso, na primeira atividade desenvolvida, os alunos deveriam descrever através de desenhos o que os faziam felizes, foi muito interessante observar a concepção de felicidade deles e poder vislumbrar como a “imaginação se apoia na experiência e como a experiência se apoia na imaginação; como a emoção afeta a imaginação e a imaginação provoca emoções.” (VIGOTSKI, 2009, p.4). É notório, que o processo da imaginação é extremamente complexo, assim o educador deve manifestar entusiasmo pelas atividades executadas com os alunos, criando um modelo ou exemplo de motivação para eles.

Assim, acreditamos que articulamos teoria e prática, pois não esquecemos de nossos fundamentos teóricos dos estudos sobre infância de lembrar que os nossos estudantes eram crianças, vivendo uma pandemia, mesmo antes de serem alunas e que isso precisava ser valorizada na escola. É inegável que nos caráteres didáticos devemos utilizar a imaginação e a criação dos alunos. Podendo ser dialogado com diversas áreas do conhecimento, seja assumindo práticas educativas de forma intencional ou não, formal ou não formal e escolar ou extraescolar. O processo educacional deve sempre partir e ser contextualizado com o contexto social e as vivências do aluno, para proporcionar um ensino significativo.

Considerações finais

Em nossa experiência na Residência Pedagógica contatamos a necessidade de nos tornarmos professores capazes de desnaturalizar práticas e de buscar de forma autônoma por novos caminhos diante da adversidade e do inesperado. Porém, identificamos como nosso repertório teórico nos fornecem suporte para esses desafios. Libâneo (2018) enfatiza que os,

saberes e competências profissionais supõe conhecimentos científicos e uma valorização de elementos criativos voltados para a arte do ensino, dentro de uma perspectiva crítico-reflexiva. A docência não estará reduzida a uma atividade meramente técnica, mas também intelectual, baseada na compreensão da prática e na transformação dessa prática. (p.36).

A realidade da prática docente, que nos foi posta através de nossa experiência na Residência Pedagógica, fez-nos ponderar sobre todo o nosso percurso acadêmico e de como poderíamos propiciar atividades que pudessem despertar a curiosidade e interesse dos alunos para responderem às questões levantadas no grupo de WhatsApp. Cremos que este seja o



maior dilema dos docentes em formação e dos professores regentes, ao pensar em suas práticas do processo educativo, ao ponderar em como propiciar um ensino significativo e diversificado para os alunos, mas comprometido com os objetivos da escola e da igualdade de oportunidades.

Embora, no decorrer da Residência as atividades propostas não tenham alcançado os a totalidade dos alunos da turma, foi de suma importância integrar esse projeto no nosso percurso acadêmico, pois foi realmente possível termos uma iniciação à docência. Experimentar como se dá a regência de turma, mesmo de forma remota, antes da conclusão da graduação e trabalhar nela, nos possibilitou que pudéssemos pensar e repensar novas metodologias, ajustar possibilidades, buscar caminhos e desnaturalizar práticas. Reconhecemos que as experiências concretizadas como residentes não seriam possíveis com um estágio realizado somente por observação. Constatamos que por meios dos dilemas que surgiram e enfrentamos foi possível aprimorar e sistematizar nossos conhecimentos adquiridos no decorrer da graduação. Por fim, experimentamos a oportunidade de articularmos as teorias e as metodologias aprendidas no decorrer do curso com a prática do cotidiano escolar.

Referências bibliográficas

- CARNEIRO, Reginaldo Fernando. **Narrativas de Alunas-Professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: uma cultura de aula de matemática**. Bolema, Rio Claro (SP), v. 28, n. 49, p. 875–895, ago. 2014
- FCC, Fundação Carlos Chagas. Pesquisa: **Educação escolar em tempos de pandemia**_ Informe n. 1, 2, 3. São Paulo, 2020.
- GESTRADO, Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente. **Trabalho Docente me tempos de pandemia** (Relatório técnico). UFMG, Belo Horizonte, 2020.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 6.º edição. Revisada e ampliada. São Paulo: Editora Heccus, 2018.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2.º edição. São Paulo. Editora Cortez, 2013.
- MESQUITA, S. E MARCONDES, M. I. Entre a forma escolar e as reinvenções didáticas possíveis: As lógicas de ação no ensino remoto . **Anais da 40º reunião da ANPED**, 2021.
- NOVOA, Antônio (Entrevista) A pandemia de Covid-19 e o futuro da Educação. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, v. 7 n. 3 (2020):
- PERRENOUD. Philippe. **Ensinar: Agir na urgência, decidir na incerteza. Saberes e competências em uma profissão complexa**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- ROLDÃO, Maria do Céu. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, nº 34, jan./abr. p. 94-103. 2007.
- VIGOTSKI, Lev S. **Imaginação e criação na infância**. Ensaio psicológico-livro para professores. Tradução: Zoia Prestes. São Paulo. Ática, 2009.